

Prefácio

Há 25 anos, preocupado com a falta de um livro-texto de introdução à teologia sistemática que fosse realmente adequado, eu encorajei vários expoentes da teologia evangélica a escreverem um livro desse tipo. Todos concordaram que era necessário, porém, cada um declinou a proposta de assumir o projeto. Finalmente, decidi que eu mesmo escreveria essa obra e assim o fiz. A forma como a primeira edição foi recebida confirmou que ela supria a necessidade de outras pessoas também. Em seguida, vários teólogos começaram a escrever livros-textos semelhantes, de modo que, atualmente, existem várias introduções evangélicas à teologia sistemática de ótima qualidade. Quando o cenário teológico começou a mudar, achei que seria proveitoso revisar meu livro original, da década de 1990. A tradução de *Christian Theology* para muitos idiomas da Ásia e da Europa foi uma revelação surpreendente e gratificante.

Eu me tornei cada vez mais consciente de que uma versão atualizada de *Christian Theology* seria necessária. As mudanças na discussão de doutrinas como a expiação, a justificação e o pré-conhecimento divino merecem tratamento em qualquer estudo das doutrinas da fé cristã. Nesta terceira edição, busquei analisar essas questões. Para manter o mesmo tamanho, certas partes das edições anteriores foram condensadas ou eliminadas.

Procurei levar em conta o *feedback* de professores e alunos que utilizaram meu livro-texto. Um comentário comum foi o de que uma porcentagem significativa de estudantes não tinha o conhecimento necessário para obter o maior benefício possível dos aspectos mais técnicos da seção metodológica do livro. Consequentemente, o material sobre a crítica bíblica e sobre a linguagem religiosa foi reduzido, simplificado e combinado em um só capítulo. O capítulo sobre o pós-modernismo foi substituído por um novo capítulo, que trata, de forma mais ampla, da possibilidade de se fazer teologia. Os leitores que desejam uma análise mais profunda do pós-modernismo são encorajados a consultar minha obra *Truth or consequences* [Verdade ou consequências]. Recomendo também meu livro *Dicionário popular de teologia*, para ser lido com o presente volume, podendo

ser útil como um guia rápido de referência para os termos teológicos.¹ A menos que sejam indicadas de outra forma, as citações são da versão *Almeida 21*.

Até mesmo naquelas questões em que não houve desenvolvimentos ou controvérsias importantes nos últimos anos, continuou-se a pesquisar e a escrever. Fiz grandes esforços para me manter à altura desses novos textos. Em muitos casos, porém, optei por preservar a documentação das versões mais clássicas da mesma posição, em vez de usar exemplos de fontes não tão importantes. Daqui a um século ou mais, as pessoas continuarão a consultar as obras de Calvino e Barth, mas alguns autores atuais (inclusive eu) serão desconhecidos. Não é necessário aceitar os desdobramentos recentes da teologia, mas uma erudição responsável exige a familiarização com o que está em voga.

Um dos principais fenômenos das últimas duas ou três décadas da história do cristianismo é a rápida expansão do cristianismo em outros lugares além da Europa Ocidental.² Na verdade, a expressão “cristianismo da maior parte do mundo” está sendo usada cada vez mais em lugar da expressão “cristianismo do terceiro mundo”.³ Esse crescimento acelerado da igreja na América Latina, Europa Oriental, África e Ásia ainda não está sendo acompanhado pela publicação teológica acadêmica dessas regiões, e relativamente pouco do que é produzido tem sido traduzido para o inglês. Tentei incluir algumas das percepções e discursos a respeito de questões debatidas nessas partes do mundo cristão. Uma expansão da seção sobre o Espírito Santo é resultado dessa ampliação. Em última análise, este livro foi dirigido, principalmente, para estudantes norte-americanos de fala inglesa, e seu modo de tratar a teologia foi contextualizado visando especialmente a esse público. Todavia, espero que o esforço feito para formular a essência das doutrinas tenha sido suficiente para permitir que outros adaptem essas afirmações à própria situação. A tradução das edições anteriores deste livro e de seu volume secundário, *Introducing Christian doctrine*, para o japonês, espanhol, português, russo, búlgaro, romeno, chinês, malaio e vários outros idiomas, além da recepção que experimentei às minhas apresentações teológicas em muitos países fora dos Estados Unidos, encorajam-me a crer que a utilidade desta edição não estará restrita a meu país de origem.

Um dos desenvolvimentos culturais marcantes nos Estados Unidos é o crescimento da polarização política. Se nas décadas de 1970 e 1980 havia uma sobreposição ideológica entre os membros dos dois principais partidos políticos no congresso dos Estados Unidos, em 2010 ela praticamente desapareceu.⁴ Percebo certos paralelos no cristianismo evangélico também. Um de meus amigos disse o seguinte sobre a Evangelical Theological Society [Sociedade Teológica Evangélica]: “Temos os

¹Millard J. ERICKSON, *Truth or consequences: the promise and perils of postmodernism*, Downers Grove: InterVarsity, 2002; IDEM, *Dicionário popular de teologia*, São Paulo: Mundo Cristão, 2011.

²E.g., Philip JENKINS, *The coming Christendom*, 3. ed., Oxford: Oxford University Press, 2011.

³Timothy C. TENNENT, *Theology in the context of world Christianity: how the global church is influencing the way we think about and discuss theology*, Grand Rapids: Zondervan, 2002, p. xix.

⁴Major GARRETT, *The Center Falls Apart*, *National Journal*, February 25, 2011. Disponível em: http://nationaljournal.com/the-center-falls-apart-20110225?mrefid=site_search.

medievalistas e os pós-modernistas nessa sociedade, e nada além deles”. Embora essa afirmação tenha um pouco de exagero, vejo a tendência na direção da polarização à qual ele se referiu, e isso diz respeito a mim. Embora eu tenha posições definidas sobre questões atualmente em debate no meio evangélico, tentei descrever os diferentes grupos da forma mais justa possível. Minha esperança é que todos os segmentos do espectro teológico, tanto evangélicos quanto não evangélicos, continuem envolvidos em um diálogo cuidadoso e respeitoso.

No capítulo de conclusão deste livro, trato do progresso necessário da teologia sistemática. Pós-modernistas, incluindo alguns “evangélicos pós-conservadores”, continuam a depreciar o tipo de reflexão objetiva que eles, costumeiramente, identificam como “modernista” ou “iluminista”. Ao fazerem isso, porém, estão, assim creio, concentrando-se no passado recente e no presente, mas falhando em observar e responder aos indicadores que o futuro trará. Várias tendências culturais e até metodologias acadêmicas emergentes mostram que o herdeiro do pós-modernismo está se tornando claramente identificável.⁵ Entre essas tendências, pode-se observar a adoção de metodologias mais científicas nas áreas das ciências humanas e das ciências sociais⁶ e o apelo para que a educação americana desenvolva nos estudantes o tipo de pensamento crítico com o qual os sistemas educacionais de muitas nações já têm superado os Estados Unidos.⁷ No meu parecer, teólogos evangélicos arriscam ao ignorar esses indicadores e, ao fazerem isso, condenarão suas teologias a uma irrelevância prematura.⁸ Embora este seja um tempo em que a reflexão crítica e o pensamento de oposição sejam pouco apreciados, poucas vezes na história essa postura foi tão necessária como hoje.

Eu gostaria de dar o devido reconhecimento, novamente, àqueles cujo conselho, encorajamento e ajuda contribuíram para a primeira e a segunda edições deste livro. Meu amigo recentemente falecido, Clark Pinnock, incentivou-me a “fazer um livro que seja cantado como um hinário, em vez de lido como uma lista telefônica”; tenho me empenhado de forma imperfeita para alcançar esse ideal. Vários dos meus alunos leram partes do manuscrito da primeira edição e me ofereceram sugestões de acordo com sua perspectiva: Bruce Kallenberg, Randy Russ e Mark Moulton; e meu professor-assistente, Dan Erickson, leu o manuscrito inteiro. Laurie Dirnberger, Lorraine Swanson, Aletta Whittaker e Pat Krohn digitaram partes do manuscrito. Três alunos, David McCullum, Stanley Olson e Randy Russ, comprometeram-se a me apoiar em oração durante o tempo em que escrevi o manuscrito original, sem o que eu jamais teria sido capaz de

⁵ERICKSON, *Truth or consequences*, p. 319-25.

⁶Patricia COHEN, The new Enlightenment: digital keys for unlocking the humanities' riches, *New York Times*, November 16, 2010; IDEM, Analyzing literature by words and numbers, *New York Times*, December 3, 2010; IDEM, In 500 billion words, new window on culture, *New York Times*, December 16, 2010.

⁷Thomas L. FRIEDMAN e Michael MANDELBAUM, *That used to be us: how America fell behind in the world it invented and how we can come back*, New York: Farrar, Straus & Giroux, 2011, p. 100-8.

⁸Se Deus me conceder tempo e força, espero poder escrever um livro-texto sobre a reflexão teológica crítica, tema que certa vez ensinei na Baylor University.

completar esse projeto enorme. Alan Fisher e Jim Weaver, que, na época, estavam na editora Baker, dirigiram o projeto durante todo o processo de publicação, e Ray Wiersma realizou um diligente e excelente trabalho editorial, complementado de maneira hábil pelo trabalho generoso e cuidadoso da editora Maria denBoer, na segunda edição. Robert Hand e Bethany Murphy orientaram de modo competente a produção da terceira edição. Minha esposa, Ginny, professora de inglês, tem sido um recurso valioso, especialmente em questões de gramática e forma, e ela aceitou pacientemente as muitas horas investidas na escrita deste livro ao longo dos anos.

Sou grato ao senhor Jim Kinney, diretor editorial da Baker Academic, que me encorajou a preparar a nova edição, solicitou comentários de professores que utilizaram as edições anteriores deste livro e me apoiou de várias formas. Tenho uma dívida especial com o doutor Arnold Hustad, professor de Teologia e Filosofia no Crown College. Sua pesquisa sobre os desdobramentos e a literatura recentes foi de grande ajuda para mim, assim como seus comentários perspicazes sobre o cenário teológico contemporâneo. Como aluno e professor-assistente, ele realmente se tornou meu colega nessa tarefa. Estou bem consciente de que este livro tem muitas falhas, pelas quais eu sou o único responsável.

Finalmente, sou imensamente grato ao nosso Senhor pelo privilégio e pela honra de ser capaz de escrever este livro e pela força e perseverança que ele me concedeu. A minha oração é que esta obra seja um meio para abençoar muitos e promover glória a Deus.

PARTE 1

O ESTUDO SOBRE DEUS

1. O que é teologia?
2. A possibilidade de se fazer teologia
3. O método da teologia
4. A contextualização da teologia
5. Duas questões importantes: *a crítica bíblica e a linguagem teológica*

1

O que é teologia?

Objetivos do capítulo

Ao concluir o estudo deste capítulo, você deverá estar apto a:

1. Desenvolver uma visão do conceito de religião na história.
2. Compor uma breve definição de “teologia”, cujo foco seja a compreensão da disciplina.
3. Fazer distinção entre teologia bíblica, histórica, filosófica e sistemática.
4. Demonstrar a necessidade que a sociedade contemporânea tem da teologia sistemática.
5. Estabelecer as relações entre teologia cristã, vida cristã e ministério cristão na atualidade.

Resumo do capítulo

A teologia num contexto cristão é uma disciplina que procura compreender o Deus revelado na Bíblia e apresentar uma visão cristã da realidade. Ela busca entender a criação de Deus — em particular, os seres humanos e sua condição — e a obra redentora dele em relação à humanidade. As teologias bíblica, histórica e filosófica fornecem ideias e concepções que ajudam a formar uma visão coerente e integrada. A teologia tem valor prático como fonte de orientação para a vida e o ministério cristãos.

Perguntas para estudo

- Em suas obras filosóficas, até que ponto Immanuel Kant restringiu a religião?
- Proponha e explique cinco aspectos da definição de teologia.

- Defina teologia sistemática e explique como ela se relaciona com as outras três disciplinas da teologia: bíblica, histórica e filosófica.
- O que é teologia natural e qual foi o teólogo que desenvolveu uma abordagem mais empírica dessa disciplina?
- Defenda a seguinte declaração: “A teologia deve continuar a reinar como a rainha das ciências”.

Estrutura do capítulo

A natureza da religião

Definição de teologia

Localizando a teologia (sistemática) no mapa teológico

Teologia sistemática e teologia bíblica

Teologia sistemática e teologia histórica

Teologia sistemática e teologia filosófica

A necessidade da teologia

O ponto de partida da teologia

Teologia como ciência

Por que a Bíblia?

A NATUREZA DA RELIGIÃO

Os seres humanos são complexos e maravilhosos. Fisicamente, são capazes de realizações intrincadas, intelectualmente, fazem cálculos abstratos e ainda criam imagens e sons de incrível beleza. Além disso, os seres humanos são religiosos incorrigíveis. Onde quer que encontremos vida humana — em culturas amplamente distintas e geograficamente dispersas, desde os mais remotos momentos da história registrada até os dias atuais — também encontramos a religião.

Religião é um daqueles termos que todos achamos que entendemos, mas que não é simples de se definir. Sempre que há divergências ou ao menos variação nas definições ou descrições de um objeto, há motivo para crer que o assunto não foi bem estudado, ou refletido, ou discutido, ou que ele é muito rico e complexo para ser sintetizado numa única declaração abrangente.

Existem certos aspectos comuns nas muitas descrições de religião. Há a crença em alguma coisa mais elevada que os seres humanos: pode ser um deus pessoal, seres sobrenaturais, uma força da natureza, um conjunto de valores, ou a espécie humana como um todo. Normalmente, há uma distinção entre o sagrado e o secular (ou profano). Essa diferença pode abranger pessoas, objetos, lugares ou costumes. O grau de intensidade com que a religião é praticada varia entre as religiões e entre seus respectivos adeptos.¹

¹William P. ALSTON, Religion, in: Paul EDWARDS, org., *Encyclopedia of philosophy*, New York: Macmillan, 1967, v. 7, p. 141-2.

De modo geral, a religião também implica uma visão do mundo e da vida, ou seja, uma perspectiva ou retrato geral da realidade como um todo e um conceito de como os indivíduos devem se relacionar com o mundo à luz dessa perspectiva. Um conjunto de práticas, seja ritual, seja de comportamento ético, ou de ambos os tipos, está associado a determinada religião. Alguns sentimentos ou posturas, como temor, culpa e um senso de mistério, podem ser encontrados na religião. E existe alguma forma de relacionamento com o objeto superior ou em resposta a ele, tal como compromisso, culto ou oração.² Por fim, muitas vezes, mas não sempre, há dimensões sociais. Grupos costumam formar-se com base em uma posição ou compromisso diante da religião.³

Tentativas têm sido feitas para encontrar uma essência comum a todas elas. Por exemplo, durante grande parte da Idade Média, em particular no Ocidente, pensava-se em religião em termos de crenças ou dogmas. Tais crenças distinguiam o cristianismo de outras religiões e também as diversas ramificações dentro do próprio cristianismo. Era natural que os ensinamentos doutrinários fossem vistos como elementos importantes durante o período que vai do início da Idade Média até o século 18. Visto que a filosofia era uma disciplina sólida e bem estabelecida, a reputação da religião como cosmovisão era naturalmente enfatizada. E como as ciências comportamentais estavam dando seus primeiros passos, foram relativamente poucas as referências à religião como instituição social ou na qualidade de fenômeno psicológico.

No entanto, no início do século 19, a compreensão sobre o cerne da religião mudou. Em *On religion: speeches to its cultured despisers* [*Sobre a religião: discursos a seus menosprezadores eruditos*], Friedrich Schleiermacher rejeitou a ideia do dogma ou da ética como cerne da religião. Schleiermacher afirmou ser a religião uma questão de sentimento, seja de sentimento no sentido geral, seja de um sentimento de dependência absoluta.⁴ Essa ideia foi desenvolvida na análise fenomenológica de pensadores como Rudolf Otto, que se referiu ao numinoso, a consciência do sagrado.⁵ Essa reflexão teve continuidade em grande parte do pensamento religioso do século 20, por meio de sua reação contrária às categorias lógicas e ao “racionalismo”. A adoração cristã, em sua expressão popular dos tempos atuais, revela uma forte ênfase no sentimento.

A formulação do pensamento de Schleiermacher foi, em grande parte, uma reação à obra de Immanuel Kant. Embora Kant fosse mais filósofo do que teólogo, suas três famosas críticas — *Crítica da razão pura* (1781), *Crítica da razão prática* (1788) e *Crítica do juízo* (1790) — tiveram forte impacto sobre a filosofia da religião.⁶ Na primeira obra,

²Ibidem.

³Religion, social aspects of, in: *Encyclopaedia Britannica*, 15. ed., Macropaedia, v. 15, p. 604-13.

⁴Friedrich SCHLEIERMACHER, *On religion: speeches to its cultured despisers*, New York: Harper & Row, 1958. [Edição em português: *Sobre a religião: discursos a seus menosprezadores eruditos*, São Paulo: Novo Século, 2000.]

⁵Rudolf OTTO, *The idea of the holy*, New York: Oxford University Press, 1958. [Edição em português: *O sagrado*, São Leopoldo; Petrópolis: Sinodal; Vozes, 2007.]

⁶A. C. MCGIFFERT, em *Protestant thought before Kant* (New York: Harper, 1961), evidentemente pensa em Kant como um divisor de águas no desenvolvimento do pensamento protestante, ainda que Kant tenha sido filósofo, não teólogo.

ele refutou a ideia de que é possível ter algum conhecimento teórico de objetos que transcendam a experiência dos sentidos. Isso logicamente descartou a possibilidade de se obter um conhecimento real da religião, como tradicionalmente entendida, ou de se desenvolver alguma base cognitiva para ela.⁷ Kant estabeleceu que a religião é um objeto da razão prática. Ele entendia que Deus, as normas e a vida imortal são necessários como postulados, sem os quais a moralidade não poderia ter sua função.⁸ Assim, a religião se tornou uma questão ética. Essa visão foi aplicada à teologia cristã por Albrecht Ritschl, que afirmou ser a religião uma questão de juízo moral.⁹

Então, como devemos considerar a religião? Na realidade, ela é tudo isso — crenças ou doutrinas, sentimentos ou posturas, e um modo de vida ou maneira de se comportar. O cristianismo se encaixa em todos esses critérios da religião. É um modo de vida, um tipo de comportamento, um jeito de viver, e não no sentido da mera experiência individual isolada, mas no sentido de trazer à existência grupos sociais. O cristianismo também implica certos sentimentos, como dependência, amor e realização. E quase certamente implica um conjunto de ensinamentos, um modo de enxergar a realidade e enxergar a si mesmo, e uma perspectiva da qual toda a experiência faz sentido.

Para ser membro digno de um grupo que recebe o nome de um líder em particular, é preciso endossar os ensinamentos desse líder. Por exemplo, um platonista é alguém que, em certo sentido, concorda com os conceitos ensinados por Platão; um marxista é aquele que aceita os ensinamentos de Karl Marx. Se o líder defendia um modo de vida inerente à mensagem que ensinava, é essencial que o seguidor também reproduza essas práticas. No entanto, costumamos fazer distinção entre as práticas inerentes (ou essenciais) e as práticas acidentais (ou incidentais). Para ser platonista, não é preciso morar em Atenas nem falar grego clássico. Para ser marxista, não é preciso ser judeu, nem estudar no Museu Britânico nem andar de bicicleta.

De semelhante modo, um cristão não precisa andar de sandálias, usar barba ou morar na Terra Santa. Mas os que alegam ser cristãos crerão no que Jesus ensinou e praticarão suas ordens, como: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo” (e.g., Mt 22.39). Aceitar Jesus como Senhor significa torná-lo a autoridade pela qual pautamos nossa vida. Então, o que está envolvido na ideia de ser cristão? James Orr afirma com propriedade: “Aquele que crê de todo o coração em Jesus como o Filho de Deus tem um compromisso com algo que vai muito além. Tem um compromisso com uma visão de Deus, uma visão do homem, uma visão do pecado, uma visão da redenção, uma visão do propósito de Deus na Criação e na história, uma visão do destino humano, que se encontra apenas no cristianismo”.¹⁰

⁷Immanuel KANT, *Análítica transcendental*, in: IDEM, *Crítica da razão pura*, livro 1, cap. 2, seção 2.

⁸IDEM, *Crítica da razão prática*, livro 2, parte 1, cap. 2, seção 5.

⁹Albrecht RITSCHL, *Theology and metaphysics*, in: IDEM, *Three essays*, trad. Philip Hefner, Philadelphia: Fortress, 1972, p. 149-215.

¹⁰James ORR, *The Christian view of God and the world*, Grand Rapids: Eerdmans, 1954, p. 4.